

Capítulo II

A produção de sentidos na perspectiva da linguagem em ação

Mary Jane Spink

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SPINK, MJ. *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. Cap. II, A produção de sentidos na perspectiva da linguagem em ação. p. 26-37. ISBN: 978-85-7982-046-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

CAPÍTULO II

A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA PERSPECTIVA DA LINGUAGEM EM AÇÃO

Uso o termo *Práticas Discursivas* de modo a reiterar que o foco de interesse da abordagem teórica e metodológica que vem sendo desenvolvida no Núcleo de Pesquisa em Psicologia Social e Saúde, da PUC de São Paulo (doravante referido como “Núcleo”), é a linguagem em uso. Por que a minha preocupação de reiterar isto? Pontuar que é esse o foco é importante porque a linguagem é trabalhada de formas distintas em diferentes disciplinas e, como psicólogos sociais, o interesse maior é no papel da linguagem na interação social. Daí o termo *Práticas Discursivas*.

A linguagem em uso é tomada como prática social e isso implica trabalhar a interface entre os aspectos performáticos da linguagem (quando, em que condições, com que intenção, de que modo) e as condições de produção (entendidas aqui tanto como contexto social e interacional, quanto no sentido foucaultiano de construções históricas). Talvez a marca distintiva da abordagem que estamos desenvolvendo no Núcleo seja essa ênfase na noção de contexto.

No primeiro módulo deste curso definimos o conceito de matriz proposto por Hacking. Também a linguagem precisa ser entendida em sua matriz de construção de sentidos. Como veremos a seguir, temos trabalhado a noção de repertórios linguísticos a partir de uma matriz que engloba três tempos: o *Tempo Longo*, o *Tempo Vivido* e o *Tempo Curto*. Essa proposta torna a pesquisa com práticas discursivas mais complexas por ser ela, concomitantemente, uma microanálise (o *Tempo Curto* da interação), uma pesquisa das estruturas sociais geradoras de *habitas* (o *Tempo Vivido*) e uma exploração da história das ideias (o *Tempo Longo*).

Dada esta complexidade, as pesquisas ficam mais ricas quando trabalhamos em grupo e, sobretudo, se trabalhamos numa perspectiva transdisciplinar. No nosso caso, temos feito uma interlocução interessante com pesquisadores da área de história e isso tem ajudado muito. Evidentemente, o tempo longo da história dos repertórios linguísticos tende a apoiar-se em pesquisas já existentes identificadas a partir de revisão bibliográfica. Não sendo historiadores, seria extremamente complicado ter que fazer uma pesquisa histórica para depois entender a linguagem em uso.

É importante pontuar que embora a análise das práticas discursivas dê-se, em última instância, num nível micro, a noção de contexto é abordada em vários níveis. Por exemplo, o contexto da produção da fala constitui um dos focos da análise. Partindo do pressuposto que as pessoas podem expressar-se de maneiras diversas (dependendo de onde estão, com quem estão falando, o que foi dito e qual a forma da interação) buscamos entender por que as pessoas falam certas coisas num determinado momento.

Adotamos o termo *Práticas Discursivas* em preferência a discurso. Preservamos o termo discurso para falar do uso institucionalizado da linguagem e de sistemas de sinais do tipo linguístico (Davies e Harré, 1990). Essa proposta é interessante, porque permite fazer a distinção entre práticas discursivas – as maneiras pelas quais as pessoas, por meio da linguagem, produzem sentidos e posicionam-se em relações sociais cotidianas – e o uso institucionalizado da linguagem – quando falamos a partir de formas de falar próprias a certos domínios de saber, a Psicologia, por exemplo.

Isso permite também fazer uma distinção entre a análise de material interativo e a análise de documentos de domínio público. É evidente que quando escrevemos um artigo, uma matéria de jornal, um ofício, uma lei, fazemos isso a partir de regras muito claras. Para publicar numa revista científica, por exemplo, temos que atentar para as normas que definem os conteúdos considerados desejáveis e as formas de expressão.

Embora tenhamos procurado fazer tais distinções (entre práticas discursivas e discurso, entre comunicação face a face e documentos de domínio público), temos consciência de que se tratam de distinções didáticas; distinções feitas pragmaticamente. Nesse momento, é assim que estamos conseguindo lidar com a diferença que percebemos em nosso material textual. Mas reconhecemos que as coisas podem mudar à medida que o próprio referencial amadurece; daqui a cinco anos, podemos dizer: não, não existe discurso, só existem práticas discursivas.

O trabalho com linguagem em ação focaliza as maneiras pelas quais as pessoas produzem sentidos e posicionam-se em relações sociais cotidianas. As práticas discursivas têm como elementos constitutivos: a dinâmica (que são os enunciados, orientados por vozes), as formas ou *speech genres* (que, para Bakhtin, são formas mais ou menos fixas de enunciados) e os conteúdos, os repertórios linguísticos.

1. O foco nos *Repertórios Linguísticos*

A noção de *Repertórios Linguísticos* permite diferenciar conteúdos e processos. Trata-se de uma dicotomia complicada, pois, embora reconhecendo que diferenciar conteúdo e processo possa ser uma estratégia didática, a distinção é problemática. Mas por ora penso que, para fins didáticos, vale a pena pontuar que as práticas discursivas se caracterizam tanto pela dinâmica como pelos conteúdos que, no caso, estamos denominando de repertórios linguísticos.

Repertórios Linguísticos são entidades teóricas muito mais fluídas, muito mais flexíveis, que Representações Sociais. As representações são trabalhadas como teorias, como formas compartilhadas de associar repertórios. Consequentemente, quem trabalha com Representações Sociais, por definição, trabalha num nível mais estrutural do que quem trabalha com *Práticas Discursivas* (ou com uma Psicologia Discursiva). Ao trabalhar com *Práticas Discursivas* não estamos procurando estruturas ou formas usuais de associar conteúdos. Partimos do pressuposto que esses conteúdos associam-se de uma forma em determinados contextos, e de outras formas em outros contextos. Os sentidos são fluídos e contextuais. Os repertórios são colocados em movimento nos processos de interanimação dialógica que, nas teorizações de Bakhtin (1994), integram as unidades básicas da linguagem e as da comunicação.

Para Bakhtin, as *Unidades Básicas de Linguagem* são a sentença e a palavra. A sentença é um pensamento relativamente completo: pode ser curta, pode ser um parágrafo, mas é um pensamento relativamente completo que se relaciona a outros pensamentos de um único locutor, em um mesmo enunciado. Aqui já percebe-se que a noção de enunciado de Bakhtin (que veremos a seguir ao abordarmos as unidades básicas da comunicação) extrapola a noção de sentença. A noção de enunciado, ao contrário da sentença e da palavra, é pautada pelo interlocutor e não pela gramática ou pela sintaxe.

A palavra tem pelo menos três dimensões: a *Palavra Neutra da Linguagem*, ou seja, a palavra dicionarizada; a *Palavra do Outro* que é cheia dos ecos dos enunciados dos outros (como os outros a utilizam) e a *Minha Palavra*, usada num plano de fala específico (ou seja, como eu a

utilizo). É esse jogo entre as três dimensões da palavra que Bakhtin vai chamar de *Interanimação Dialógica*.

A *Unidade Básica da Comunicação* na teorização de Bakhtin é o enunciado. O enunciado vai da pergunta de alguém até a finalização da fala de outra pessoa. É um elo na cadeia de comunicação. Dai a importância de não descontextualizar trechos das trocas discursivas em nossas análises, pois, ao tirarmos uma sentença do enunciado que lhe dá suporte, lhe roubamos o sentido. A sentença só adquire um sentido completo no contexto do enunciado. Portanto, para entender o processo de interanimação dialógica, é preciso incorporar na análise os vários elos dessa cadeia de comunicação: levar em consideração não só o que a pessoa falou, mas também o que precedeu essa fala – a pergunta do entrevistador, por exemplo. Essas trocas também constituem o contexto de produção de sentidos. Só entendemos o sentido na medida que incorporamos na análise esse contexto mais amplo de perguntas, respostas e intervenções.

Sendo um elo na cadeia de comunicação, o enunciado tem como características as fronteiras, o endereçamento e os *speech genres*.

Quanto às fronteiras, cada enunciado concreto é definido pela mudança de locutor, aquilo que Bakhtin denomina de *change of speaking subject*. Pode, portanto, ser demarcado por uma frase (“Bom dia, tudo bem?” “Tudo bem”), por uma sentença ou por várias sentenças. É o conceito de finalização que permite entender a dinâmica das fronteiras de um enunciado. Bakhtin fala de finalização para se referir “ao lado interno” da mudança de locutor. A mudança só pode ocorrer, porque o locutor disse tudo o que queria dizer naquele momento particular, consequentemente, o principal critério da finalização é a possibilidade de resposta ou de assumir uma postura responsiva. Ou seja, o conteúdo discursivo tem que ter o potencial de evocar uma reação de resposta.

Quando elaboramos os mapas, como veremos em outro momento deste curso, perceberemos a violência que o entrevistador comete ao insistir em suas perguntas, buscando eliciar mais conteúdos, quando a pessoa, no processo de interanimação dialógica, finalizou o enunciado. Uma das conversas registradas por Vera Menegon (1998) em sua pesquisa sobre menopausa ilustra o conceito Bakhtiniano de finalização.

CONTEXTO

Durante uma festa, um grupo de pessoas, quatro homens e três mulheres conversavam descontraidamente. Então, foi apresentada ao grupo uma outra pessoa, uma senhora de uns 60-70 anos. Alguém do grupo falou sobre minha pesquisa, resultando no seguinte comentário:

– A Vera está pesquisando sobre menopausa.

A senhora:

– Menopausa! Que coisa horrível, é melhor esquecer.

Ficou um silêncio geral, inclusive da parte de Vera. A senhora virou para outra pessoa, começou a conversar sobre outro assunto e a menopausa foi devidamente esquecida.

Fonte: Menegon, 1998.

É um exemplo anedótico, digamos, de finalização: uma finalização verbal e postural. Verbal, pois a senhora disse “Que horror!” e encerrou qualquer possibilidade de continuidade. Se tivesse dito “Nossa, que horror...”, teria sido possível Vera perguntar “Que horror, por quê?” Mas não, esse “Que horror!” foi categórico e ainda por cima a senhora virou as costas e passou a conversar com outra pessoa. Então, é um exemplo bem anedótico que ilustra o que chamamos de finalização.

A segunda característica do enunciado é o endereçamento. Todo o enunciado é uma resposta ao enunciado que o precedeu. Está, portanto, atravessado de dialogicidade, é esse encadeamento de endereçamentos que chamamos de *Interanimação Dialógica*. Essas são competências que raramente questionamos (são *taken for granted*). É quando nos deparamos com rupturas do habitual que prestamos atenção. Por exemplo, no caso das falas de esquizofrênicos. Embora não tenha experiência direta com práticas discursivas de pessoas diagnosticadas como esquizofrênicas durante um surto, sei que há pessoas pesquisando essa temática. É possível perguntar até que ponto a nossa dificuldade com a fala esquizofrênica é que ela foge do endereçamento esperado. Qual é o enunciado ao qual a pessoa está respondendo? Não temos acesso a essa informação; está fora dos nossos processos de socialização. Seria possível, no entanto, imaginar uma análise da interanimação dialógica nessa situação peculiar que é o discurso do esquizofrênico, apoiando-nos no conceito Bakhtiniano de *Vozes*.

A noção de *Speech Genres* (por nós traduzido como *Gêneros de Fala*) é usada por Bakhtin para referir-se às formas relativamente típicas e

estáveis de fala que formam o substrato compartilhado que possibilita a comunicação. É isso que nos permite predizer desde as primeiras palavras como se desenvolverá o enunciado. É uma competência que adquirimos no processo de socialização. Os *Gêneros de Fala* estão atravessados por expressividade, pois, sendo formas típicas de enunciados (e não formas linguísticas), herdaram um certo tipo de expressividade que é própria da cultura específica. Mas os *Gêneros de Fala* são também atravessados por expressividade porque expressam-se em estilos individuais.

Os *Gêneros de Fala* são aspectos importantes de nossa competência comunicativa no dia-a-dia. Por exemplo, há um gênero de fala típico de consultório médico; há um gênero de fala próprio à situação de aula e há um gênero de fala para casamentos e enterros. Somos socializados a saber que uma situação é alegre, triste ou pomposa; que há ocasiões em que devemos cumprimentar as pessoas e que há formas específicas de cumprimentar em ocasiões diversas. Imagine chegar num velório e ao invés de dizer “meus pêsames”, dizer “nossa, que bom, que maravilha! Parabéns!” Isso iria certamente causar um certo grau de surpresa nos que estivessem presentes no velório.

Os *Gêneros de Fala* aplicam-se tanto a essas pequenas comunicações do dia-a-dia, como às formas de falar próprias às diferentes práticas profissionais. Os homeopatas fornecem exemplos interessantes de interação médica porque muitas vezes rompem com o gênero de fala da clínica médica: conheço um que pergunta data de nascimento para verificar o signo astrológico do cliente. Imagino que um cliente desprevenido deve ficar completamente perdido se tiver sido socializado num gênero de fala de consultório tradicional.

Como a noção de *Gêneros de Fala* decorre do trabalho de Bakhtin como crítico literário, ele faz uma distinção interessante entre gêneros primários e secundários. Gêneros primários são aqueles que estão muito automatizados; são habituais, muito espontâneos e atravessam as nossas comunicações do dia-a-dia. Os *Gêneros de Fala* secundários são mais complexos e incluem os vários gêneros literários: novelas, dramas, comentários e textos científicos.

Como aprendemos essas formas complexas de expressão? Pensem na situação em que vocês têm que apresentar um resumo para a comissão organizadora de um congresso científico. Vocês começariam lendo as

instruções para apresentação de trabalhos: “o resumo deve ser apresentado em tal formato, com um mínimo de x e um máximo de y palavras e incluir os objetivos, procedimentos, análise e principais resultados”. Isso é um gênero de fala que é próprio da comunicação científica. O mesmo aplica-se a um artigo em revista científica. Também elas especificam, nas normas para envio de textos, o gênero que lhes é próprio. Analisando uma variedade de revistas científicas, percebe-se que estes gêneros variam de acordo com as especificidades de cada domínio de saber. Justamente por não haver um padrão único, é importante, nesses *Gêneros de Fala* secundários, entender as normas que regem o campo específico.

Unidades de linguagem e unidades de comunicação colocam em movimento os conteúdos: os *Repertórios Linguísticos*.

Os repertórios linguísticos são os termos, os conceitos, os lugares-comuns e figuras de linguagem que demarcam o rol de possibilidades de construções de sentidos. Esses repertórios circulam na sociedade de formas variadas. Aprendemos repertórios no próprio processo de aprendizagem da linguagem, por meio de livros que lemos, dos filmes que assistimos e daí por diante.

Vamos ao museu e vemos um quadro sobre mães e filhos, digamos um quadro renascentista, uma virgem. Nesse mesmo museu, poderemos ver outras expressões imagéticas de mães e crianças: mulheres e crianças da fase azul de Picasso, mulheres e crianças em situação de pobreza nos quadros de Portinari, etc. Ainda nesse mesmo dia, quem sabe acabamos indo ao cinema ver, por exemplo, um filme de Almodóvar. Lá vamos encontrar outras concepções do que é ser mãe e do que é ser filho. Ou seja, em um mesmo dia, nos deparamos com uma diversidade de repertórios sobre maternidade, que são distintos e talvez sejam expressões de épocas históricas diversas ou situações sociais distintas. Os repertórios, portanto, não são aprendidos formalmente. Convivemos com essa diversidade de conteúdos e usos.

Quando trabalhamos com repertórios, a primeira coisa que salta aos olhos é que eles têm longa história. Embora profissionalmente identificados com a Psicologia Social, nas nossas práticas discursivas cotidianas não lidamos apenas com repertórios que são próprios aos *Gêneros de Fala* ou à linguagem social da Psicologia. Nós entramos e saímos de vários papéis

durante o dia e, muitas vezes, usamos repertórios que têm ressonâncias de tempo longo.

Foi esse tipo de preocupação que nos levou a trabalhar a questão do tempo. Essa é uma proposta bastante antiga no percurso de elaboração do referencial teórico e metodológico do Núcleo, datando, pelo menos de 1993 (Spink, 1993). Focalizando o contexto de circulação de repertórios linguísticos, não estamos falando do tempo cronológico, do tempo linear. Isso pode ser complicado na medida em que as pessoas pensam o tempo justamente nessa perspectiva cronológica: o século passado, esse século, ontem, hoje. É difícil muitas vezes entender que, na verdade, nós estamos falando do presente e não do passado. Na perspectiva temporal adotada, lidamos apenas com um passado presentificado. Temos adotado, para abordar essa questão, um esquema temporal tríplice: tempo longo, tempo vivido e tempo curto.

O *Tempo Longo* focaliza justamente essa longa história da circulação de repertórios linguísticos na sociedade e o fato de que eles não desaparecem ao deixarem de estar presos às condições de sua produção. Permanecem vivos nas produções culturais da humanidade e passíveis de serem reativados como possibilidade de sentidos. Os usos que fazemos deles podem ser muito diferentes, mas os repertórios têm este tempo longo que inclui desde as primeiras produções linguísticas e pictóricas que temos conhecimento. Falo em produções pictóricas, porque as imagens são também elas produtoras de repertórios. Como usamos a linguagem para significar a imagem, ela é também contexto de produção e circulação de repertórios linguísticos.

Usamos o *Tempo Vivido* basicamente para falar do tempo de socialização. Aprendemos a usar repertórios a partir das nossas posições de pessoas: a família em que fomos criados; a escola que frequentamos. Esses diferentes contextos de socialização definem as oportunidades de contato com repertórios, *Gêneros de Fala* e linguagens sociais. Temos encontrado apoio teórico para pensar esse tempo no conceito de *habitus* proposto por Bourdieu (1994) que o define como o sistema de disposições duráveis, estruturas estruturantes que funcionam como matriz de percepções, apreciações e ações. O *Tempo Curto* é o tempo das interações; o tempo da interanimação dialógica. É nesse tempo que podemos entender a dinâmica

da produção de sentidos. O momento da produção de sentido, portanto, é o momento do aqui e agora.

Resumidamente, então, o *Tempo Longo* é o domínio da construção dos conteúdos culturais que foram parte dos discursos de uma dada época. Permite que nos familiarizemos com os conhecimentos produzidos e reinterpretados por diferentes domínios do saber: religião, ciência, conhecimentos e tradições do senso comum, entre eles. O Tempo Vivido é o tempo de ressignificação destes conteúdos históricos a partir dos processos de socialização. É o tempo de vida de cada um de nós; tempo da memória na qual enraizamos nossas narrativas pessoais e identidades. O Tempo Curto é o tempo da interanimação dialógica e da dinâmica da produção de sentidos. É nesse tempo que se presentificam as diferentes vozes ativadas pela memória cultural do tempo longo ou pela memória pessoal do tempo vivido.

2. A linguagem e os processos de interanimação dialógica

Passarei a focalizar, agora, as práticas discursivas propriamente ditas e procurar definir o que são sentidos, interanimação dialógica e posicionamento na perspectiva teórica da produção discursiva de sentidos.

De uma forma ou outra, todo mundo trabalha com produção de sentidos. Quem trabalha em clínica lida com produção de sentidos; quem trabalha em Psicologia Social também está procurando entender os sentidos. Os sentidos da vida cotidiana são o pão-pão queijo-queijo do psicólogo. Não só do psicólogo, mas do sociólogo também. Sentido não é, portanto, propriedade de um referencial teórico único: é a tarefa básica de todos os cientistas sociais. Só que cada disciplina e subdisciplina trabalha a produção de sentidos de uma forma específica. Digamos, então, que a nossa forma específica, no Núcleo de Psicologia Social e Saúde, na PUCSP, é apenas uma das vertentes possíveis da análise da produção de sentidos.

O sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas, na dinâmica das relações sociais, historicamente datadas e culturalmente localizadas, constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta. Esta é a definição que estamos usando para falar a respeito do tipo de pesquisa que realizamos. Embora muito

simples a definição, os termos epistemológicos e ontológicos estão todos especificados. Nós estamos frisando que o sentido é uma construção social e, como tal, um empreendimento coletivo. Tomamos a produção de sentidos como um processo interativo: ninguém produz sentido individualmente. Situamos o sentido como uma construção social, e enfatizamos que tal construção se dá num contexto, numa matriz que atravessa questões históricas e culturais e que é essa construção que permite lidar com situações e fenômenos do mundo social.

Produzimos sentidos o tempo todo. Não se trata de atividade que fazemos de repente: entrei no consultório médico, então agora vou produzir sentido. Não é isso. Se não dermos sentido às normas e às regras que regem nosso mundo, estaríamos em maus lençóis. Se não déssemos sentido, por exemplo, ao semáforo e simplesmente atravessássemos a rua, não percebendo o que significa o vermelho, o verde, o amarelo, provavelmente seríamos atropelados, com graves consequências físicas.

Produzir sentido, portanto, é o que permite lidar com situações e fenômenos do dia-a-dia, do cotidiano. Podemos fazer um recorte das atividades do cotidiano e analisar os processos de produção de sentido. Nós, como pesquisadores, é que decidimos: quero entender como é construído o sentido sobre 'x', 'y', 'z'. Então, esse 'x', 'y', 'z' provém de um interesse nosso como pesquisadores, pois o processo de produção de sentido é contínuo e não se limita a essa escolha temática para fins de pesquisa.

Na perspectiva da linguagem em uso, o sentido é sempre interativo: os enunciados de uma pessoa estão sempre em contato ou são endereçados a uma outra pessoa e esses endereçamentos se interanimam mutuamente, mesmo quando os diálogos são internos; ou seja, na perspectiva bakhtiniana não existe o monólogo.

Os processos de produção de sentidos implicam existência de interlocutores variados cujas vozes se fazem presentes. As práticas discursivas estão sempre atravessadas por vozes; são endereçadas e, portanto, supõem interlocutores. Obviamente isso gera dificuldades consideráveis quando analisamos material discursivo, porque as pessoas, numa entrevista, por exemplo, estão falando com você e de repente a fala passa a ser endereçada a outrem. Por exemplo, "não sei... porque meu pai dizia que..." O interlocutor passou a ser o pai. É um trabalho instigante esse de tentar identificar estas mudanças de interlocutores. Numa pequena

entrevista de cinco minutos podem aparecer vários interlocutores, imaginem então uma entrevista de uma hora!

Quanto à interanimação dialógica, Bakhtin afirma que, distinguindo-se das unidades de significação da linguagem (as palavras e sentenças) que são impessoais, não pertencem a ninguém e não são endereçadas a ninguém, o enunciado tem tanto um autor (e, portanto, expressividade) quanto um destinatário. Esse destinatário pode ser um participante que é interlocutor imediato e que está presente em um diálogo do cotidiano; um coletivo diferenciado de especialistas em alguma área de comunicação cultural específica; um público mais ou menos diferenciado; um grupo étnico; contemporâneos; pessoas de mentalidade semelhante; oponentes e inimigos; subordinados; um superior; alguém que lhe é inferior; familiares; estrangeiros e daí por diante. E pode ser também um outro indefinido, genérico.

A composição e, em especial, o estilo do enunciado depende de várias coisas: para quem o enunciado é endereçado; como o locutor (ou escritor) percebe e imagina seus destinatários e a força do efeito dessa percepção no enunciado. Cada gênero de fala, em cada arena de comunicação de fala, tem sua concepção típica de destinatário, e é isso que o define como gênero (Bakhtin, 1994).

3. Posicionamento: a produção discursiva de *selves*

Outra noção importante para o estudo da produção de sentidos a partir da linguagem em uso é o posicionamento, uma noção mais dinâmica que identidade. Identidade é uma noção mais estrutural, mais fixa, mesmo quando pensada no enquadre da metamorfose (Ciampa, 1987). Metamorfose ainda é a mudança de 'A' para 'B', presume assim um substrato fixo. Já o posicionamento é absolutamente fluído e contextual. São posições de pessoas assumidas (conscientemente ou não) no processo de interação como produtos da interação. São todas as maneiras em que as pessoas, por meio de suas práticas discursivas, produzem realidades sociais e psicológicas (Davies e Harré, 1990).

Posicionar-se implica navegar pelas múltiplas narrativas com que entramos em contato e que se articulam nas práticas discursivas. O posicionamento, como é por nós utilizado, é o processo discursivo no qual

os *selves* são situados nas conversações como participantes observáveis e subjetivamente coerentes em termos das linhas de história conjuntamente produzidas. Ou seja, o *self* sempre se situa numa linha de história que é produzida em determinados contextos.

Essas posições de pessoa podem ser ilustradas com as múltiplas versões de curriculum vitae que encaminhamos para empregos variados. Se o encaminhamos para uma empresa, destacaremos certos elementos de nossa linha narrativa histórica e não outros. Se quisermos apresentá-lo para uma universidade, destacaremos outros pontos que serão ainda distintos dependendo da universidade. Se vamos contar nossa história de vida para alguém que estamos tentando seduzir, selecionaremos certos elementos compatíveis com a posição de sedução. Ou seja, todos esses elementos são passíveis de serem apresentados de forma coerente, se bem que variem dependendo do contexto.

Quando analisamos práticas discursivas, tomamos esses posicionamentos como produções conjuntas. Harré (Davies e Harré, 1990) propõe que pode haver posicionamento interativo, onde o que uma pessoa diz posiciona o outro; e pode haver posicionamento reflexivo, no qual nos autoposicionamos. Seria bom, entretanto, considerar que, em qualquer destes casos, o posicionamento é necessariamente intencional. Então, na dinâmica da interação, podemos até nos posicionar conscientemente de alguma forma específica, mas no fluxo da interação o interlocutor pode nos posicionar de forma tal que exija uma reorientação (ou reiteração) da posição inicial. Vivemos nossa vida em termos da produção continuada do *self*, seja quem for o responsável por esta produção.